

FONTE : 0 ESPCLASS. : 03DATA : 07 01 88PG. : 14

Equipe vai à selva para estudar plantas

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

Uma equipe de pesquisadores da Universidade de Brasília permanecerá por um mês na selva amazônica para realizar um levantamento étnico-botânico da região entre São Gabriel da Cachoeira e o pico da serra da Neblina. A expedição, liderada pelo botânico Argemiro Procópio e integrada ainda pelo agrônomo Rodrigo Studart, o biólogo Fábio Sérgio e o cinegrafista Salvador Castelo, chegou ontem a Manaus e parte hoje para a região escolhida para as pesquisas.

A expedição iniciou os preparativos para a viagem em agosto e os resultados desse trabalho se destinam ao banco de dados da UnB, que tem catalogadas atualmente mais de 120 mil espécies de plantas. Tomadas todas as precauções para a viagem e munidos das diversas vacinas indispensáveis para enfrentar a permanência na selva, os pesquisadores encontraram algumas dificuldades para realizar seu projeto. Uma delas foi a escassez de recursos que, à exceção da verba para as passagens, cediada pelo reitor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque, faz com que cada membro da expedição conte com apenas Cz\$ 20 mil para as despesas durante o mês.

O professor Argemiro Procópio disse estar confiante com a disposição da equipe. "Dentro dos limites possíveis, estamos precavidos e con-

tamos com a proteção de Deus", observou.

A iniciativa de estudar a Amazônia, segundo Procópio, não é frequente na comunidade científica brasileira. "Nós não conhecemos a Amazônia, mas os estrangeiros conhecem. Existem muitos pesquisadores clandestinos na Amazônia e nossa preocupação é estimular brasileiros a conhecerem e ocuparem a região, um dos maiores centros de riqueza do mundo", afirmou.

A região Norte do País, disse o botânico, é onde incide maior facilidade de penetração por parte de pesquisadores estrangeiros, o que não ocorre em outras nações do mundo. E exemplifica: "Um brasileiro que vai ao Japão teria muita dificuldade para fazer o que um japonês ou um norte-americano fazem na Amazônia. No Exterior, os pesquisadores têm de pedir licença às autoridades, o que não é conseguido com facilidade. No Brasil, nem todos os pesquisadores estrangeiros pedem a necessária autorização".

Procópio assinalou que uma das dificuldades de se exercer rigorosa fiscalização na região ocorre pela falta de estrutura de pessoal, cuja carência leva cada guarda florestal a zelar por uma área superior à da Holanda, da Bélgica e de Luxemburgo juntas. Como solução, ele aponta a colocação de maior policiamento na região e uma ocupação gradativa e técnica procurando sempre conservar as características locais.